

LAPESAM/GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – Revista EDUCA Amazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente - ISSN 1983-3423 – Ano 2, Vol II, nº 1, pág. 9-17, jan-jun, 2009.

FILOSOFIA E FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA - Estudo a partir de José Ortega y Gasset

Valmir Flores Pinto*
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
valmirfp@ufam.edu.br

RESUMO: Neste estudo, examinamos a relação entre filosofia e cidadania em José Ortega y Gasset, conhecida como *raciovitalismo*. Busca-se um sentido para a vida humana a partir do cotidiano e sua condição de cidadão. O processo educativo deve fixar-se a uma criatividade centrada no contexto sócio-cultural e na diversidade que o mundo de hoje proporciona por meio do conhecimento e inovação científica. Trata-se de superar o homem-massa e prepará-lo para a vida.

Palavras-chave: Educação. Cidadania. Vida. Filosofia

PHILOSOPHY AND FORMATION FOR CITIZENSHIP
A study based on José Ortega y Gasset

ABSTRACT: In this study, we examine the relation between philosophy and citizenship as stated by José Ortega y Gasset, known as *ratiovitalism*. A meaning for human life is searched from the everyday life in the citizen's condition of life. The educational process must fix itself to a creativity focused on the sociocultural context and on the diversity that today's world offers through knowledge and scientific innovation. It's all about making man overcome its mass-individual status and prepare himself for living his own life.

Keywords: Education. Citizenship. Life. Philosophy.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é resgatar um pensador e educador de grande valia para o pensamento filosófico e a compreensão moderna e uma nova visão de cidadania a partir do pensamento de José Ortega y Gasset (1883-1955). Trata-se de uma postura inovadora como teoria e prática filosófica e política: o raciovitalismo. Esta postura é fruto dos problemas vividos em seu tempo e de suas possíveis soluções. O estudo parte das impressões do cotidiano visando ao ser humano em sua condição de vivente e cidadão. Assim Ortega y Gasset coloca a educação como alicerce da História

e condutora da moral, pois é reconhecido, há mais de uma década, que a função da educação ou de todo o sistema educacional não é somente a formação de profissionais, mas também a criação de conhecimento.

1. Traços sociais da vida de Ortega y Gasset e a cultura

O contexto histórico em que Ortega y Gasset nasceu e cresceu intelectualmente não era nada fácil. Após sua licenciatura em filosofia e letras e doutorado na Universidade de Madrid, a situação intelectual espanhola deixava tudo a desejar. A Espanha perdera a tradição filosófica, não tinha o mínimo nível teórico, estava defasada em relação aos países mais adiantados da Europa. Foi então buscar a ciência onde ela jorrava como que em fonte, na Alemanha (Leipzig, Berlim e Marburgo). A Liga de Educação Política Espanhola é um dos primeiros traços sociais do pensamento e da pedagogia educacional do madrilenho Ortega, quando voltou para a Espanha em 1914, após estudos na Alemanha, na linha do pensamento kantiano. Na Universidade de Madrid assume a cátedra de metafísica (1910-1936).

Outro traço social do pensamento orteguiano são seus escritos no jornal *El Imparcial*. Na Espanha, nem a cátedra nem o livro tinham eficiência social, no início do século XX, e o jornal era a forma de manifestar seu pensamento, mesmo sendo constantemente censurado por isso. Muitos de seus livros resultaram da colaboração em diários da Espanha e da Argentina. Em 1923 mais um traço importante, *a Revista de Occidente*, que mais tarde se tornará em editora com o mesmo nome de onde surgem as publicações de diversos livros, como: *El tema de nuestro tiempo*; *Las Atlántidas* e *La deshumanización del arte*; *La rebelión de las masas*; *Em torno a Galileo* e *Historia como sistema*.

Com a Guerra Civil Espanhola em 1936, Ortega y Gasset apóia de início, a república, que ajudaria a fundar. Sucederam-se as prisões e execuções de intelectuais. Doente e com a vida sua e familiar ameaçadas, é obrigado a abandonar a cátedra e refugiar-se no estrangeiro. Residiu na França, Holanda, Argentina, Portugal e Alemanha, sobrevivendo de artigos, cursos, conferências e direitos autorais. Continuou publicando: *Meditación de la técnica*, 1939; *Ideas y creencias*, 1940; *Apuntes sobre el pensamiento, su teurgía y su demiurgía*; *Estudios sobre el amor e Del império romano em 1941*. Com o retorno à Espanha, em 1948, funda o Instituto de Humanidades, com Julián Marías, onde desenvolve intensa atividade docente. As palestras de Ortega y Gasset tinham sucesso de público e da mais variada qualificação: estudantes, professores, profissionais liberais, militares, homens de negócios, muitos trabalhadores e políticos. A força do seu pensamento mobilizava a sociedade espanhola sem distinção de classe.

As obras póstumas *El hombre y la gente* (1957), teoria sociológica atualíssima; *Que es filosofía?* (1957); *La idea de principio em Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* (1958); *Ideal del teatro* (1958) e *Uma interpretación de la historia universal* (1958) dão uma dimensão da importância do pensamento de Ortega y Gasset para a sociedade. Vem a falecer em 18 de outubro de 1955 com 72 anos de idade, de câncer. Mas seu ideal não morreu: o diálogo com o leitor prossegue sem tempo ou data para terminar, com a mesma lucidez e generosidade, pois o *eu* e o *outro* sempre foram uma referência nos escritos desse pensador espanhol.

Com clareza e beleza Ortega y Gasset deixa-nos um legado do *eu* e do *outro* dentro da concepção de cultura. Cultura não é a vida toda, mas o momento de segurança, de firmeza e clareza. O conceito não é para substituir a espontaneidade, mas para assegurá-la. A segurança garantida pelo conceito e pela cultura consiste na clareza, isto é, na certeza, no saber a que se ater na grande aventura da vida. Ortega y Gasset critica o culturalismo, que se alegra com algo adquirido, fica na pequenez e no imediatismo. “Há uma cultura germinal e outra já constituída. Nas épocas de reforma, como a nossa, é preciso desconfiar da cultura já feita e fomentar a cultura emergente” (ORTEGA y GASSET, 1993a, p. 173). O papel da cultura adquirida é outro: servir de aporte para futuras aquisições, para forjar novos valores, descobrir outros aspectos da realidade, inventar conceitos inéditos. O *eu* e o *outro* são os ingredientes essenciais na

grande culinária cultural da vida. Existo concomitante com o outro e com as coisas. Conviver é estar compenetrado com as coisas a tal ponto que elas não existem como objetos para mim e sim como *presenças executivas*.

2. A proposta orteguiana de educação e cidadania

Para uma reflexão ser chamada de filosófica há algumas exigências. Segundo Demerval Saviani, são pelo menos três requisitos: radicalidade, o rigor e a globalidade. “Radical, que vá às raízes da questão, até seus fundamentos; rigor, isto é, sistemático, segundo métodos determinados. E de conjunto (globalidade), não de modo parcial, mas relacionando-se o aspecto em questão com os demais do contexto” (SAVIANI, 1983, p. 24).

O universo que se abre diante do pensamento de José Ortega y Gasset em relação à filosofia e à formação para a cidadania, portanto, educação, nos remete às concepções presentes na doutrina desenvolvida pelo mesmo, o *raciovitalismo*, em busca da edificação do cidadão. Segundo o pensador e educador espanhol, o processo educativo não pode se fixar somente aos conhecimentos livrescos, mas a uma criatividade centrada no contexto sócio cultural e na diversidade que o mundo de hoje proporciona por meio do conhecimento e inovação científica. Trata-se, na concepção de Ortega y Gasset, da superação do ‘homem-massa’. Este é aquele que não se esforça para superar as dificuldades que lhe apresentam nem sequer reflete sobre as suas ações (ORTEGA y GASSET, 1987).

Também não é suficiente uma concepção pessoal ou individualista de educação, por isso a necessidade de refletir sobre diversos contextos: o social, o político, o econômico, enfim, elementos que formam o conjunto de ações em vista da cidadania. Mesmo nos regimes democráticos estamos em constante confronto com situações de totalitarismo. Ortega y Gasset chama a essa situação de ‘ética convencionalista’, isto é, as conveniências daqueles que mandam (ORTEGA y GASSET, 1993b).

Educação e cidadania não são coniventes com qualquer forma de totalitarismo e autoritarismo, seja em nível de governos, de educadores, gestores ou progenitores. Quando em Ortega y Gasset se afirma que o *Homem é um eu e a circunstância*, isso significa mencionar a acomodação imposta às massas por muitos meios, e um dos

principais é a educação formal (ORTEGA y GASSET, 1971). Os sistemas políticos coletivistas não incentivam as pessoas a saírem das suas circunstâncias. Esta idéia promove uma incultura no homem. Por educação entende-se o conduzir o educando para fora do lugar em que se encontra. O sair do lugar, aqui, é criar meios para que o homem saia da sua minoridade. É uma espécie de dilatação da vida para fora do meio em que ela está situada, tornando-se cidadão.

Conforme a postura assumida por Ortega y Gasset, qualquer sistema educativo e político que pretenda ser uma resposta pré-fabricada e fixa para todos, e em qualquer lugar, será a maior tirania da história (ORTEGA y GASSET, 1993c). Inseridos na conjuntura histórica, busca-se descobrir o ser humano que deve ser utilizando a razão e a sensibilidade, evitando tornar-se 'homem-massa'.

Educação e cidadania são dois elementos essenciais na edificação da sociedade justa. O caminho para tal não é o comunitarismo, uma forma de massificação, mas a liberdade que reconhece o indivíduo. Assim, a missão da educação é preparar o homem para vida. A cidadania é fruto de um grande processo educacional e da atuação orgânica dos intelectuais, conforme outro pensador, o italiano Antônio Gramsci (1891-1937). "Mesmo sabendo que há uma aproximação entre universitários, pesquisadores e professores com as realidades sociais, econômicas, culturais e políticas, constata-se dificuldades de visualização desses fatos para a valorização da pessoa e o resgate da cidadania" (PINTO, 2008, p. 41). Para Ortega esse processo passa pela educação raciovitalista. Trata-se de um paradigma filosófico educacional e sugere que se investiguem todas as questões que envolvam e problematizam o homem e que não fique distante da realidade vivida.

A leitura filosófica orteguiana do vínculo entre filosofia e formação para cidadania propõe-se afirmar, com bases teóricas e práticas, que este vínculo forma o *critério ético-existencial na constituição da pessoa*, uma vez que o ser humano não tem natureza, mas história e produz cultura nas conexões de saberes. A educação permite ao homem que atribua a si um valor. Quem está fora desse processo é visto como 'massa' e não se angustia com isso, sente-se bem por ser igual aos demais. Por meio da educação o indivíduo se preocupa com sua civilização, sua cultura, que são os caminhos para sair da vulgaridade. A postura de buscar meios para a afirmação da cidadania, principalmente pela educação frente às diferentes realidades culturais, não

deve desanimar no desafio de conhecer e compreender, pois, nenhum pressuposto é definitivo. É importante ressaltar que o ato de educar para a cidadania não se pode reduzir a um solilóquio de educador com a verdade, como se ele pudesse esquecer o mundo e a história.

O raciovitalismo diz respeito à razão vital. Acontece que desde o início da filosofia moderna, mais especificamente de René Descartes (1596-1650), os pensadores ou filósofos modernos têm fixado de maneira contundente em verdades ou questões universais abstratas. Assim, o homem, como animal racional, teria como missão quase que exclusivamente partir de princípios racionais.

Para Ortega y Gasset, numa visão vital, não se trata disso, mas que pensar é uma das coisas que o ser humano faz, mas a primeira exigência é viver. Por isso há uma série de frases do mesmo sobre o assunto: “La vida es una emigración perpetua del yo vital hacia el no-yoi”, “vivir es dialogar com el contorno”, “vivir es tratar com el mundo y actuar em el” (FERRATER MORA, 1985).

Assim a vida humana para Ortega y Gasset não é algo subjetivo, mas uma realidade objetiva, senão a mais objetiva. O sujeito orteguiano é um eu-circunstância, isto é, um conjunto de realidades, no qual o sujeito se situa e condiciona suas possibilidades vitais. Ninguém pode existir fora das circunstâncias, fora do espaço ou do tempo (ORTEGA y GASSET, 1993d). A categoria temporal mais importante é o presente, o agora. Tudo se refere ao presente, o vivido, lugar onde decidimos nosso futuro. Daí a responsabilidade com o conjunto, o ambiente em que vivemos, o mundo, o espaço-tempo mediado pelo eu-circunstância. Mas que futuro, sem passado? Temos que contar com o passado sim, com a história coletiva. O homem é a sua história, é biografia, e não pode ser explicado apenas pelo aspecto biológico.

“El hombre enajenado de si mismo se encuentra consigo mismo como realidad, como historia. Y, por su vez primera, se ve obligado a ocuparse de u pasado no por curiosidad ni para encontrar ejemplos normativos, sino porque no tiene otra cosa. No *se han* hecho en serio las cosas sino cuando de verdad han hecho falta” (ORTEGA y GASSET, 1993d).

Da história brota tudo que há no homem. O que Ortega chama de ‘minha vida’ é um eu que nasce dentro das circunstâncias. Onde está o raciovitalismo? A vida

radical? Bem para firmar esta posição o pensador madrilenho aprofunda mais três conceitos: o de explicação, implicação e coimplicação.

Explicação e implicação referem-se a uma relação sujeito-objeto em que o sujeito está numa relação de dentro ou fora. Para Ortega o sujeito e objetos estão co-implicados, isto é, a realidade radical é amálgama sujeito-circunstância na qual tudo o mais se dá. Mesmo Deus só existiria se de fato fosse percebido e vivido nessa realidade radical 'minha-vida'. Fora dessa realidade radical, tudo são suposições e hipóteses. Isso não quer dizer que essa realidade seja a única, mas a mais radical, isto é, as demais precisam anunciar-se nesta. A nossa vida não está pronta, acabada, precisa ser preenchida. Na afirmação de Ortega, o homem não existe, uma postura contrária ao existencialismo tradicional de sua época, mas o ser humano vive.

3. Problema e sentido na formação: um olhar orteguiano

O raciovitalismo orteguiano proporciona um olhar sobre a formação em suas diversas formas, e mais especificamente a educação formal (escolar). Segundo o pensador madrilenho, a razão tradicional conhecida como físico-matemática, tida como mediadora entre o homem e o mundo a partir do século XV, não é capaz de contar a história do homem porque estanca a fluidez heraclitana (Heráclito de Éfeso V. a.C.) do mundo na imobilidade de Parmênides de Eléia (V a.C.) - referências às concepções do princípio das coisas nos pensadores pré-socráticos. A razão físico-matemática se mostra insuficiente, em suas duas formas: o naturalismo e o espiritualismo (Hegel) para a solução dos problemas humanos.

A dimensão filosófico-pedagógica da razão vital liberta o homem do tradicional conceito de ser, pois o ser humano não é, mas 'va sendo', um conceito de viver. A filosofia educacional de Ortega y Gasset prima pela urgência de obrigações vitais para o homem. Olhamos para o passado porque é vital, não porque devemos nos prender a ele. Onde está o problema? Em se tratando de formação para a cidadania, por meio da educação, há formalismos e caminhos que ainda estão ligados à imobilidade, à repetição de métodos, programas, e burocracias. O essencial não está somente nas metas, mas na formação do homem para cidadania, na afirmação da razão vital, no sentido de existir, pois a vida não é estática, como uma coisa. A vida é exatamente o

contrário, trata-se de drama, de movimento. É urgência, é pressa, e necessita saber a cada momento a que se ater.

A busca pelo sentido é fundamental no raciovitalismo orteguiano. Anos e anos de progresso e verificam-se alguns fracassos da razão físico-matemática no que tange à realização fundamental do homem: a sua vida. Tivemos muitos avanços, melhorias das condições de vida biológica, social e política, mas o essencial ainda fica em aberto. O que queremos? A resposta de Ortega y Gasset está em superar a dicotomia vida-razão. Propõe que assim como a razão vital nasce da vida, a razão histórica nasce da história. Para a razão físico-matemática o que importa são os fatos, para Ortega é necessário saber como um fato chega a ser o que é, ou o que ele parece ser.

A nossa relação prática ou pragmática com as coisas, e destas conosco, mesmo sendo corpórea, é dinâmica. Assim, o sentido que a educação ganha dentro do raciovitalismo orteguiano está diretamente na ligação com o outro, ou o corpo do outro. É na presença desse outro que tentamos sair da nossa solidão, querendo dar nossa vida e receber a sua, no que o filósofo paulista chama de vida interindividual: nós –tu – eu.

CONCLUSÃO

Em épocas de crise aparecem diagnósticos pessimistas e a falta de crenças ou idéias dominantes, os paradigmas parecem que falham tanto na vida como na cultura, mas ainda falta a realidade e o mundo como um sistema de referência. Estas questões em contato direto com o eixo da filosofia e da cidadania, tornam-se mais desafiadoras. Uma resposta única é impossível.

Apresentamos uma alternativa dentro da filosofia do corpo de idéias do filósofo e educador José Ortega y Gasset. Ressalta-se uma forma de convivência entre o ser humano e o mundo, na qual ambos se exigem reciprocamente, sem que haja a necessidade de um devorar o outro, como ocorre há décadas. O mito do progresso desenfreado leva o homem a agir sobre a natureza como inimiga; é preciso dominá-la, e na disputa para produzir mais, o homem torna-se inimigo de si mesmo: o homem contra o homem. Ortega y Gasset apresenta-nos a relação do *eu* e o *outro* como um paradigma de construção. Sua fórmula: “eu sou eu e minha circunstância” (ORTEGA y GASSET, 1971) significa nova definição da realidade. Não existo sem minha

circunstância, e ela não existe sem mim. Eu e o mundo (o grande outro) não existimos sem relações mútuas. A filosofia orteguiana, chamada de '*razão vital*' – o raciovitalismo, assenta seu ponto de vista na realidade, acompanhando-a em sua variedade múltipla e em seu movimento. Isto é, sai o racionalismo puro, que fica isolado em seu ponto de vista.

A razão vital adota a própria realidade como sua norma e seu princípio. Não foge das crises – econômicas, existenciais, religiosas, políticas, de sentido – mas, observando como se fazem os fatos, supera de vez as abstrações e os parcialismos e estabelece a continuidade onde parecia só existir descontinuidade e contradição. Ortega y Gasset restabelece a relação tanto de Heráclito (a harmonia dos contrários) como de Parmênides (a unidade do Ser) de uma forma dialética. O raciovitalismo orteguiano dá uma chance, um voto de confiança ao ser humano, age com esperança. Não se trata de fechar os olhos para as crises, mas abri-los diante das crises. Ortega y Gasset aplica a razão vital, que é a razão livre e desembaraçada de limitações prévias, a razão vivente e histórica para desfazer as contradições e descobrir que os termos se exigem.

Um dos focos da crise mundial hoje é que '*nada é importante*'. Vivemos uma cena de crenças negativas. Não se trata de apagar a consciência para os fatos. Apesar dos avanços nas ciências, o diagnóstico é assustador: misérias, doenças, guerras, poluição, exclusão social, falta de políticas afirmativas. Tudo em grande escala e propenso a aumentar. Trata-se de crises de valores ou a sobreposição do niilismo pós-moderno? O sonho da sociedade sem males, pregado pelo capitalismo e pelo socialismo real, não aconteceu. É fato conhecedor que a realidade possui graus. A importância de uma coisa em nossa vida é proporcional ao seu grau de realidade. Se nossa época é marcada pelo '*nada é importante*', isso ocorre porque a realidade se esvaziou para ela e com ela a importância das coisas. Se nada é importante, nada mais possui realidade, não possui sentido. Pode parecer estranho, mas a educação dá sinais de que está nessa lista. No entanto, Ortega y Gasset está na antítese dessa linha. Para ele tudo é importante, mesmo nas crises, há como uma doutrina das salvaçãoes: há dentro de cada coisa a indicação de uma possível plenitude. A alma nobre e aberta sentirá a ambição de aperfeiçoá-la, de auxiliá-la, para que alcance essa plenitude. Isso é o amor – o amor à perfeição do amado. Por ser um pensador situado, ligado às

circunstâncias, racional e existencial, o filósofo e educador paulista declara guerra ao utopismo, à postura idealista do 'dever ser'. Nem por isso ele deixa de reconhecer a necessidade e a importância da utopia na vida humana. Que o digam os educadores. A diferença está que a utopia de Ortega y Gasset tem que ser extraída das coisas mesmas. Assim a utopia é a promessa emergente de perfeição. Fazemos dos problemas ou limitações a busca pelo seu sentido, o tornar-se pessoa. Este é o horizonte da filosofia raciovitalista de José Ortega y Gasset, a vida humana e a vizinhança com o cotidiano. O homem não tem que ser pré-moldado, como o determinismo dos demais seres da natureza, mas realiza o próprio ser. Diferente dos existencialistas, Ortega y Gasset valoriza a razão vital como o caminho, a via adequada à apropriação da vida pelo indivíduo, porque a vida não é um fluxo irracional, mas vida e razão se assimilam.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Ortega y Gasset

ORTEGA y GASSET, J. *Que é filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1971.

_____. *Rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. a. Ensayos filosóficos: Biología e Pedagogia. *Obras completas*. Tomo III. Madrid: Alianza, 1993.

_____. f. Sobre el estudiar y el estudiante. *Obras completas*. Tomo IV. Madrid: Alianza, 1993.

_____. e. El hombre y la gente. *Obras completas*. Tomo VII. Madrid: Alianza, 1993.

_____. g. Que es filosofía? *Obras completas*. Tomo VII. Madrid: Alianza, 1993.

_____. c. Apuntes sobre una educación para el futuro. *Obras completas*. Tomo IX. Madrid: Alianza, 1993.

_____. d. Apuntes y notas para un grupo de ensayos sobre la historia de los intelectuales. *Obras Completas*. Tomo XII. Madrid: Alianza, 1993.

_____. b. Ideas políticas. *Obras completas*. Tomo X. Madrid: Alianza, 1993.

_____. La Rebelión de las masas. *Obras completas*. Tomo I. Madrid: Alianza, 1993.

_____. b. De res política. *Obras completas*. Tomo X. Madrid: Alianza, 1993.

_____. *Missão da Universidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

Obras sobre o autor

AMOEDO, Margarida I. Almeida. *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da razão*. Lisboa: Estudos Gerais, 2002.

CARVALHO, José Maurício de. Lições de Ortega sobre a vida humana. *Ética e Filosofia Política*. Juiz de Fora: UFJF, 1996. V.1.

Outras fontes

BUFFA, Ester. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. Vol. 4. Madrid: Alianza, 1985.

PINTO, Valmir Flores. Intelectual orgânico e cidadania na filosofia de Antônio Gramsci. *Filosofia: Ciência & Vida*. São Paulo: Escala, 2008. Ano II, nº. 18, pg.40-51.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1983.

Recebido em 29 de maio de 2008.

Aceito em 8 de junho de 2008.